

TURLE, Licko. (Noeli Turle da Silva) – Alfabetização Teatral: uma fotografia da experiência de Augusto Boal no ALFIN, Peru, 1973. Rio de Janeiro: UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. PPGAC da Escola de Teatro – Professor bolsista PAPP CAPES/FAPERJ. Ator, diretor teatral.

RESUMO

O ensaio trata de analisar a experiência de Augusto Boal durante sua participação na Operação Alfin, em 1973, no Peru, quando coordenou o Setor de Teatro Popular. A partir de pesquisa bibliográfica conclui-se que o Teatro do Oprimido é resultado da prática das oficinas realizadas na formação dos alfabetizadores, baseada nas ideias de Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVE: ALFIN: Teatro do Oprimido: Augusto Boal

RESUMÉN

El ensayo trata de analizar la experiencia de Augusto Boal em su participación em la Operación ALFIN, em 1973, Peru, cuándo coordinó el Sector de Teatro Popular. A partir de la investigación bibliográfica se há concluso que el Teatro del Oprimido és resultado de la práctica de los talleres hechos em la formación de los alfabetizadores, basada em las ideas de Paulo Freire.

PALABRAS-CLAVE: ALFIN: Teatro do Oprimido: Augusto Boal

Este ensaio tenta identificar a experiência pontual que possibilitou a Augusto Boal desenvolver a sua pedagogia teatral – o Teatro do Oprimido - uma vez que encontramos duas linhas explicativas para o seu suposto “nascimento”: a) a estreita relação entre o pensamento de Paulo Freire e o de Boal; e, b) as histórias contadas por Boal a respeito de seus encontros com um camponês nordestino, um operário do ABC paulista e uma indígena peruana analfabeta que o fazem, segundo ele mesmo, “descobrir” o método.

Ambas vertentes procuram estabelecer elos ou evidências para um possível ponto de partida para a criação do Teatro do Oprimido. Contudo, não levam em conta uma importante experiência pedagógica, realizada no Peru em 1973, da qual Boal foi convidado a participar coordenando o Setor de Teatro. Refiro-me à experiência prática proporcionada pela Operação Alfabetização Integral – ALFIN, mais especificamente pela educadora Estela Liñares, e a metodologia singular por ela empregada no Setor de Fotografia (um dos vários setores do Programa).

Creio que, embora válidas, as duas correntes acima citadas tendem a induzir, tanto aos artistas-ativistas quanto aos jovens pesquisadores, a pular uma etapa importante no processo de compreensão e interpretação desta pedagogia teatral, levando-os ou a seguir um caminho puramente teórico trilhado por alguns estudiosos do marxismo e da pedagogia freireana, ou a

reduzir uma proposta de grande complexidade, racionalmente construída, ao mero acaso fortuito desvelado por fatos (maravilhosamente ilustrados pelo ficcionista Boal, diga-se de passagem), a nosso ver, utilizados somente como exemplificação para fazer com que o não especialista, ou seja, o “não-ator”, se aproprie dos meios-de-produção do teatro – seu objetivo político.

Com certeza, estes episódios levam Boal a pensar, a teorizar sobre sua prática. O da “senhora gorda peruana” o auxilia a desenvolver o teatro-fórum enquanto técnica teatral, mas o que procuramos não é o momento de vislumbre da metodologia, ou de uma *técnica* em particular, ainda que esta seja a referência emblemática do método em questão e, sim, aquele em que se define a *pedagogia* - um ideário filosófico sobre um modo de ensinar.

Para Néstor Garcia Canclini, a sistematização do método de Boal, que segundo ele tem seus primórdios nas experiências com o Teatro Invisível em 1971 na Argentina, vai se consolidar definitivamente com a sua participação na Operação ALFIN, quando preparou alfabetizadores para utilizarem a linguagem teatral como recurso de alfabetização.

“Essas experiências de Boal alcançaram, em 1973, uma organização sistemática e uma reformulação radical das bases do trabalho dramático, graças a sua participação na Operação Alfabetizadora Integral, iniciada pelo governo peruano. Essa Operação fundamentou-se em dois pressupostos: em primeiro lugar, levando-se em conta o enorme número de línguas e dialetos falados no Peru, alfabetizava-se na língua materna e em castelhano, sem forçar o abandono da primeira em benefício da segunda; além disso, procurava-se alfabetizar em todas as linguagens possíveis, especialmente as artísticas, como teatro, fotografia, marionetes, cinema e jornalismo. Se os homens se expressam e se comunicam em muitas linguagens, por que lhes dar apenas a oportunidade de desenvolver a forma escrita? Se, nas classes populares, a linguagem corporal é tão importante para a comunicação, por que não empregar os recursos teatrais para expandir esse campo expressivo? (CANCLINI, 1980, p. 167)

Em *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*, a proposta de “a Poética do Oprimido” está dividida em duas partes: A. Uma experiência de Teatro Popular no Peru; e, B. O Sistema “Coringa”. Na introdução da primeira parte, Boal já informa que o seu contato com Paulo Freire não é direto.

“Esta experiência foi realizada com a inestimável colaboração de Alice Saco, dentro do Programa de Alfabetização Integral (ALFIN) dirigido por Alfonso Lizarzaburu, e com a participação, nos diversos setores, de Estela Liñares, Luis Garrido Lecca, Ramón Vilcha e Jesus Ruiz Durand, entre outros, nas cidades de Lima e Chacacayo. O método de alfabetização utilizado por ALFIN era, naturalmente, inspirado em Paulo Freire – março, Buenos Aires, 1974.” (BOAL, p. 122. 2013)

Em uma pesquisa de campo que realizei no Peru em junho de 2013, entrevistei a professora Alicia Saco, citada por Boal como sua assistente no setor de Teatro:

“Então, Boal foi convidado para que trouxesse suas ideias, seu método e eu fui contratada para ser sua assistente. Ele tinha 45 anos quando veio aqui. O projeto ALFIN estava baseado na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, por isto Boal fazia parte. Havia o setor de jornal, da radio, tudo! Lembro-me que nós não trabalhávamos diretamente com os analfabetos, mas, sim, com os alfabetizadores. Concentramos em Chacacayo, uma pequena cidade fora de Lima e, ali, vivemos por algum tempo imersos no trabalho de treinar os alfabetizadores através de diversas oficinas, uma era a de

teatro! Fazíamos oficinas com os futuros alfabetizadores para que aprendessem teatro imagem, teatro jornal e o teatro-foro que começava a se desenhar. Os alfabetizadores aprendiam o método e iam para o interior de Peru alfabetizar. Boal ficou conosco por três meses, depois, eu assumi o programa. O meu trabalho era viajar aos locais onde estavam os alfabetizadores e ver como trabalhavam e auxiliá-los diretamente. Na época, havia no Peru, um governo militar politicamente “Ni-Ni” (nem ...nem...) nem socialista, nem capitalista, mas tinha elementos dos dois como o filósofo Augusto Salazar que coordenava o Programa ALFIN. Eu cheguei no ALFIN depois que Boal já havia sido contratado, não sei como chegaram a ele.”

Boal fora indicado para atuar no ALFIN pelo jornalista brasileiro Paulo Cannabrava Filho que projetou e coordenou a execução do Projeto de Difusão da Operación Alfin entre os anos 1973 e 1975. Em seu artigo “Augusto Boal - O subversivo maravilhoso”, publicado na revista virtual “Outras Palavras” em 8 de setembro de 2014, por conta da estreia do espetáculo *Crônicas de Nuestra América* no Rio de Janeiro, conta que:

“Quando o governo revolucionário de Velasco Alvarado, no Peru, iniciou a reforma na educação, na realidade uma revolução cultural que começava com uma estratégia de alfabetização e outra de educação, sugeri a Salazar Bondy que convidasse Boal para nos ajudar na formação dos quadros que formariam o contingente de educadores. Salazar Bondy, educador, filósofo, epistemologista, era o executivo do Ministério de Educação, e quem tocava o principal projeto da revolução peruana: a formação do homem novo. Foram momentos maravilhosos, conviver com Salazar Bondy, assim como poder interagir com lideranças de uma cultura milenar como a andina. Sei que essa experiência influenciou profundamente o Boal. Foi aí que, aplicando a técnica do Teatro Invisível, criou o Teatro Fórum para trabalhar os conflitos interrelacionais.” (CANNABRAVA, 2014)

Rezende Carvalho nos informa que o idealizador da Operação Alfin, o peruano Augusto Salazar Bondy (1925-1974), foi um dos protagonistas da polêmica sobre a existência ou não de uma filosofia latino-americana travada em 1968-1969 entre o filósofo mexicano Leopoldo Zea (1911-2004) e o peruano a partir da publicação, em 1968, do seu livro intitulado *¿Existe una filosofía de nuestra América?* E o de Zea, publicado no ano seguinte, *La filosofía americana como filosofía sin más*.

A polêmica indicou um caminho para o movimento latino-americano da história das ideias em direção à filosofia da história latino-americana e, progressivamente, à filosofia da libertação, o que se pode denominar como uma nova orientação comprometida com a causa da libertação da América Latina, em razão de sua histórica condição de dependência.

Para Castro-Pozo,

“Outra questão de ordem diz respeito ao estatuto epistemológico do TO, isto é, pode-se apreciar que o TO é nomeado indistintamente de método, metodologia ou técnica. Porém o que seria uma impropriedade conceitual adveio de uma práxis engajada, desvendando a tragédia humana do terceiro mundo, que se filia a um horizonte gnosiológico do oprimido. Nesse paradigma inscrevem-se obras pioneiras tais como

Pedagogia do Oprimido [1968*]¹, de Paulo Freire; *Teoria da Libertação* [1971]*, de Gustavo Gutierrez; *Psicoterapia do Oprimido*, de Alfredo Moffatt [1974]*; *Filosofia do Oprimido*, de Enrique Dussel [1972]*; e, nas artes cênicas a projeção deste paradigma é sistematizada no livro *O Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*, de Augusto Boal.”[1974]* (CASTRO-POZO, 2011, p. 16)

Boal maneja e concebe o Teatro do Oprimido, fruto de uma criação inovadora, inédita, no âmbito terminológico-conceitual dando-lhe aporte genuíno e original a partir de uma análise comparativa com os experimentos dos outros setores:

“Neste trabalho, quero tão somente relatar o que foi minha participação no setor de teatro e contar todas as experiências que fizemos, considerando o teatro como linguagem, apto para ser utilizado por qualquer pessoa, tenha ou não atitudes artísticas. Quero mostrar, através de exemplos práticos, como pode o teatro ser posto a serviço dos oprimidos, para que estes se expressem e para que, ao utilizarem essa nova linguagem, descubram igualmente novos conteúdos.” (BOAL, 2013, p. 123).

Para explicar como o método de alfabetização de Paulo Freire - a Pedagogia do Oprimido - era utilizado por cada setor do ALFIN, Boal descreve a prática de Estela Liñares no setor de fotografia:

“Penso que todos os grupos teatrais verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o povo os utilize à sua maneira e para os seus fins. O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la!

Como deve, porém, ser feita esta transferência? Quero começar, dando o exemplo do que fez Estela Liñares no setor de fotografia do ALFIN. Qual seria a velha maneira de se utilizar a fotografia num plano de alfabetização? Sem dúvidas seria fotografar coisas, ruas, pessoas, panoramas, comércio, etc., mostrar estas fotos ao alfabetizando e discutí-las. Quem tiraria as fotos? Os alfabetizadores, capacitadores, instrutores. Mas quando se trata de entregar ao povo os meios de produção, deve-se entregar, nesse caso, a máquina fotográfica! Assim se fez no ALFIN. Entregava-se [Estela] uma máquina às pessoas do grupo que se estava alfabetizando, ensinava-se a todos a utilizá-la e se faziam propostas: “Nós vamos fazer perguntas a vocês. Nossas perguntas vão ser feitas em castelhano, e vocês vão nos responder. Mas vocês não podem responder em castelhano: vocês têm que “falar” em fotografia. Nós vamos perguntar coisas na língua castelhana, que é uma linguagem. E vocês vão nos responder em fotografia, que também é uma linguagem”. (BOAL, 2013, p. 124)

Após relatar as várias fotos-respostas produzidas pelos alfabetizando, Boal passa a fazer a analogia, da experiência com a máquina fotográfica como meio de produção da fotografia, com o corpo humano - para ele o meio de produção do teatro. Nasceria, aí, o Teatro do Oprimido? Sigamos o raciocínio de Boal:

“É fácil dar uma máquina fotográfica a uma pessoa que jamais tirou uma foto, dizer-lhe por onde deve olhar para poder focar e que botão deve apertar. Basta isso e os meios de produção da fotografia estarão nas mãos desta pessoa. Mas como proceder no caso específico do teatro? Os meios de expressão da fotografia estão constituídos pela máquina fotográfica, que é relativamente fácil de manejar, mas os meios de produção do teatro estão constituídos pelo próprio homem, que já não é tão fácil de manejar. Podemos afirmar que a primeira invenção do vocabulário teatral é o corpo humano, principal fonte de som e movimento. Por isso, para que se possa dominar os

¹ * As datas foram inseridas pelo autor com o objetivo de demonstrar o intervalo temporal de sua publicação.

meios de produção teatral, deve-se, primeiramente, conhecer o próprio corpo, para poder depois torná-lo mais expressivo. Só depois de conhecer o próprio corpo e ser capa de torna-lo mais expressivo, o “espectador” estará habilitado a praticar formas teatrais que, por etapas, ajudem-no a liberar-se de sua condição de “espectador” e assumir a de “ator”, deixando de ser *objeto* e passando a ser *sujeito*, convertendo-se de testemunha em protagonista”. (BOAL, 2013, p. 128)

Boal desenvolve a sua teoria durante todo o exílio, passando pelo Chile, Argentina, Portugal e França.

Referências Bibliográficas:

BOAL, Augusto. **Teatro Legislativo: versão beta**. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. **Jogos para atores e não-atores**. 14ª Edição. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **Hamlet e o filho do padeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CANNABRAVA FILHO, Paulo. Augusto Boal: o subversivo maravilhoso. In: **Outras palavras**. <http://outraspalavras.net/mundo/america-latina/augusto-boal-o-subversivo-maravilhoso/> Visitado em 20 de novembro de 2014.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A Socialização da Arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1980.

CARVALHO, Eugênio de Rezende. **A polêmica entre Leopoldo Zea e Augusto Salazar Bondy sobre a Existência de uma Filosofia Americana (1968-1969)** — Goiânia: IX ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 2010.

CASTRO-POZO, Tristan. **As Redes dos Oprimidos: experiências populares de multiplicação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LIZARZABURU, Alfonso. **La formación de promotores de base em programas de alfabetización**. Pátzcuaro, Michoacán, México: CREFAL, 1985.